

A ARTE DE MANTER A TRADIÇÃO NIPÔNICA: educação das novas gerações dos descendentes em Cuiabá- MT

Nelson Yuwao Kawahara¹

Resumo

No presente trabalho, buscou-se conhecer as formas que os japoneses e seus descendentes utilizam para manter a tradição nipônica e como realizam a educação das gerações mais novas. Desde a chegada dos primeiros imigrantes no Brasil, até os dias de hoje, os japoneses e seus descendentes vêm mantendo os seus vínculos pela organização de associações culturais. Um dos principais deveres das associações culturais é a manutenção da Escola de Língua Japonesa - ELJ. Em Cuiabá, capital de Mato Grosso, esta prática continua sendo costume desde a década de mil novecentos e cinquenta. Foram utilizados como instrumento de levantamento de dados: observações nas reuniões mensais da Associação Cultural Nipo-Brasileira de Cuiabá, entrevistas com os membros dos diversos departamentos. Atualmente, a necessidade de aquisição do idioma japonês fica enfraquecida em relação aos estudos dos idiomas considerados mais prestantes ao mundo globalizado, como o inglês e o espanhol. Assim, são poucas pessoas que dispõem de tempo e condições financeiras para estudar um idioma, ainda que seja dos seus ancestrais, pois ele é considerado difícil e com poucas oportunidades de uso, especialmente no contexto cuiabano. Em contrapartida, existe uma valorização da ELJ frente à abertura do Japão aos descendentes de japoneses, além de ter certa importância afetiva entre os descendentes, muitos não-descendentes procuram a ELJ pelo apreço à cultura nipônica. Concluiu-se que a Associação Cultural Nipo-Brasileira realiza o fortalecimento e a manutenção da cultura nipônica não só pela ELJ, mas também por meio do desenvolvimento de atividades dos diversos departamentos que sabiamente tem integrado a cultura local e os adeptos que apreciam a tradição japonesa.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Nipo-Brasileiros.

THE ART OF MAINTAINING THE JAPANESE TRADITION: EDUCATION OF THE NEW GENERATIONS OF DESCENDANTS IN CUIABÁ

Abstract

The current project sought to know the methods the Japanese people and their descendants use to preserve the nipponic tradition and how they conduct the education of the younger generations. Since the arrival of the first immigrants in Brazil up to the present days, the Japanese people and their descendants have been keeping their bonds through the organization of cultural associations. One of the main duties of the cultural associations is the maintenance of the School of Japanese Language – SJL (Escola de Língua Japonesa – ELJ). In Cuiabá, capital of the State of Mato Grosso, this practice has been a custom since the 1950s. We used the following tools for data gathering: observations in the monthly meetings of the Nippo-Brazilian Cultural Association (Associação Cultural Nipo-Brasileira) from Cuiabá and interviews with the members of the several departments. Nowadays, the necessity of the acquirement of the Japanese idiom weakens in relation to the studies of the so-called most useful languages to the globalized world, such as English and Spanish. Therefore, there are few people who have the time and the financial conditions to study a foreign language, even it is from their ancestors, because it is considered difficult and with few opportunities of usage, especially in the “cuiabano” context. On the other hand, there is an appreciation of the Japanese language towards the opening of Japan for the Japanese descendants, besides, it also has some affective importance amongst the descendants, a lot of non-descendants look for the School of Japanese Language because of their appreciation of the nipponic culture. The Nippo- Brazilian Cultural Association (Associação Cultural Nipo-Brasileira) performs the strengthening and the maintenance of the nipponic culture not only

¹ Graduado em Engenharia Elétrica e especialista em Educação, Mestre em Educação e Doutor em Educação. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), Cuiabá-MT, Brasil.

through the SJJ but also through the development of activities from the several departments which wisely have integrated the local culture and the followers who appreciate the Japanese tradition.

Keywords: Education. Culture. Nippo-Brazilians.

EL ARTE DE MANTENER LA TRADICIÓN JAPONESA: EDUCACIÓN DE LAS NUEVAS GENERACIONES DE LOS DECENDIENTES EN CUIABÁ

Resumen

La presente investigación buscó conocer las formas que los japoneses y sus descendientes utilizan para mantener la tradición japonesa y cómo educan a su generación más joven. Desde la llegada de los primeros inmigrantes en Brasil, hasta la actualidad, los japoneses, y sus descendientes vienen manteniendo sus vínculos por la organización de asociaciones culturales. Uno de los principales deberes de las asociaciones culturales es la manutención de la Escuela de Lengua Japonesa – ELJ. En Cuiabá, capital de Mato Grosso, esta práctica sigue siendo costumbre desde la década de mil novecientos cincuenta. Fueron utilizados como instrumento de levantamiento de datos: observaciones en las reuniones mensuales de la Asociación Cultural “Japonesa-Brasileña” de Cuiabá, entrevistas con los miembros de los diversos departamentos. Actualmente, la necesidad de adquisición del idioma japonés, es muy debilitado en relación a los estudios de los idiomas considerados más presentes al mundo globalizado, como inglés y español. Así, son pocas personas que disponen de tiempo y condiciones financieras para estudiar un idioma, aunque sea de sus ancestrales, pues él es considerado difícil y con pocas oportunidades de uso, especialmente en el contexto cuiabano. En contrapartida, existe una valorización de ELJ delante de la apertura de Japón a los descendientes japoneses, además de haber cierta importancia afectiva entre los descendientes, muchos no descendientes buscan a ELJ por el mismo aprecio a la cultura japonesa. La Asociación Cultural “Japonesa-Brasileña” realiza el fortalecimiento y la manutención de la cultura japonesa no solo por ELJ, pero también por medio del desarrollo de actividades de los diversos departamentos que sabiamente han integrado la cultura local y los seguidores la tradición japonesa.

Palabras-clave: Educación. Cultural. Japoneses-Brasileños.

Introdução

O Brasil é um país pluricultural. Foi um dos países receptores de milhões de imigrantes europeus e asiáticos². O Brasil é o país com o maior número de imigrantes japoneses e seus descendentes do mundo.

Os imigrantes no Brasil vieram com a esperança de se tornarem ricos, acumularem uma fortuna e retornarem ao Japão como vencedores. Estes ideais, somados às peculiaridades dos traços físicos e socioculturais, fizeram com que os japoneses formassem grupos fechados pelo Brasil inteiro, em colônias nipônicas, construindo associações e escolas de língua japonesa na tentativa de preservar a sua cultura e identidade.

Em Cuiabá não foi diferente. Na década de quarenta, chegaram os primeiros imigrantes japoneses que vieram diretamente do Japão e de outras regiões do Brasil. Logo se agruparam,

²cf. BORIS, Fausto, *História do Brasil*, São Paulo: Editora da USP, 1997.

formando uma colônia³ para manter seus interesses e tradições. Antes mesmo de se pensar na fundação de uma Associação, deu-se início, na garagem da casa de um dos imigrantes, a Escola de Língua Japonesa de Cuiabá (ELJ).

A ELJ desperta especial atenção, pois retém em torno de si a questão da educação, da identidade e da cultura nipo-brasileira. Desde a sua implantação, até os dias de hoje, essa escola passou por diversas fases que podem revelar o passado, o presente e o futuro da colônia, pois envolve todas as gerações da colônia japonesa havidas em Cuiabá.

Atualmente, a Escola de Língua Japonesa de Cuiabá funciona na sede da Associação Cultural Nipo-Brasileira. Seu corpo docente está constituído por duas professoras *Nikkei* (descendente de japoneses). Ainda que os jovens descendentes tendam a não frequentar a escola, eles continuam querendo reunir-se, e, organizam iniciativas desportivas e culturais diversificadas.

Na qualidade de descendente de japoneses, pensei em poder ouvir e tentar organizar academicamente o que dizem os membros da colônia japonesa, pois segundo Bicudo (1997:19):

A coparticipação de sujeitos em experiências vividas em comum permite-lhes partilhar compreensões, interpretações, comunicações, desvendar discursos, estabelecendo-se a esfera da intersubjetividade. Esta é dificultada e ao mesmo tempo facilitada pela linguagem, veiculadora de discurso.

Para ser mais preciso, o termo coparticipação bem poderia ser modificado para outro, usado por Geertz (1989:230), que se refere a consócios, os “(...) indivíduos que se encontram realmente, pessoas que se encontram umas com as outras em qualquer lugar no curso da vida cotidiana. Eles compartilham, (...), de uma comunidade não apenas no tempo, mas também no espaço”.

Assim, este trabalho há de espelhar experiências que, embora não tenham sido partilhadas na integralidade, ao longo de um extenso tempo histórico, revelam aspectos essenciais do espaço de convivência comum a todos os entrevistados. Objetivou-se conhecer as formas que os japoneses e seus descendentes utilizam para manter a tradição nipônica e como realizam a educação das gerações mais novas.

³ Grupo de migrantes que se estabelecem em terra estranha; Indivíduos de uma nação que vive em país ou cidade estrangeira, e seus descendentes que conservam suas tradições, características culturais, religiosas. (FERREIRA, Aurélio. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986:347)

Segundo Capra (1982), no final do século XX, viveu-se o abandono da postura positivista e evolucionista das ciências, possibilitando, desta forma, o resgate da subjetividade, do simbólico, do afetivo, da concepção orgânica, holística e harmoniosa do mundo.

Hoje é possível pousar um olhar científico sobre os conhecimentos elaborados no dia a dia. Conforme Maffesoli (1988:57), “(...) este fim de século mostra a saturação de uma certa prática teórica, tal fato nos deve incitar a buscar com audácia, uma atitude alternativa mais apta a acercar-se da vida de todos os dias”.

Ao buscar o conhecimento (o senso comum) que se forma dentro de um grupo sobre um determinado fenômeno, ao acreditar que estas ideias são elaborações coletivas decisivas, com relevâncias diretas na vida do grupo, faz-se necessário a busca da compreensão organizada destas elaborações. Tal objetivo remete-me à utilização de uma teoria que possibilite compreender sistematicamente estas elaborações como forma de conhecimento significativo e passível de um estudo científico.

Com base fenomenológica, o termo “senso comum” remete às ideias de Alfred Schutz, cuja contribuição é significativa pela operacionalização da pesquisa social qualitativa. Minayo (1995:95) explica que:

Schultz usa o termo ‘senso comum’ para falar das representações sociais do cotidiano. Para este autor, da mesma forma que o conhecimento científico, o senso comum envolve conjuntos de abstrações formalizações e generalizações. Esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados, a partir do mundo do dia a dia.

Tal perspectiva permite-me realizar um trabalho de pesquisa valorizadora das peculiaridades de uma cultura, mais especificamente, do senso comum de um determinado grupo cultural inserido dentro de uma sociedade maior. Possibilita-me o resgate do conhecimento que um grupo de descendentes de japoneses de Cuiabá elaboraram para sobreviver e serem compreendidos como portadores de cultura e conhecimento particulares, ainda que em processo de constante assimilação e acomodação à cultura local.

Desenvolvimento

Cuiabá, a capital mato-grossense,

(...) situa-se no centro geodésico da América do Sul: latitude 15°36’ sul e longitude 56°06’ oeste. Fixada no meio de um círculo em que um raio lançado à sudeste alcançará o Atlântico, pelo porto do Rio de Janeiro, um outro,

despachado brevemente a sudoeste, tocará o Pacífico em suas águas chilenas. Desse continente retraçado farão parte, ao menos com parcelas de seus territórios, além do Chile, o Peru, a Argentina, o Paraguai e a Bolívia. Mas estarão excluídas quinze das atuais capitais de estados brasileiros. Não se tome essa arbitrariedade geopolítica tão somente como signo de lonjuras. Ela vem para lembrar que a distância é importante na medida em que priva a região de contatos estreitos com as áreas de produção do país, tecendo-lhes as condições de periférica ou caudatária (PAREDES, 1983:53)

Apenas na década de mil novecentos e cinquenta (1950), com a política de interiorização do desenvolvimento brasileiro iniciado por Getúlio Vargas⁴, começam devagar, chegar para esta terra, os migrantes de todo o Brasil, inclusive o japonês.

O imigrante japonês somente migrou para o Centro-Oeste no período pós-guerra, quando não mais tinha a esperança de retornar para o Japão. O deslocamento de japoneses no pós-guerra,

(...) apresentava duas correntes principais: a de lavradores que deixavam a agricultura do interior e se dirigiam à cidade de São Paulo ou aos seus subúrbios; e a dos que se deslocavam na direção dos estados vizinho do Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás etc. (NAKASUMI&YAMASHIRO, 1992:424).

Houve, no mesmo período, projetos de imigração direta do Japão para as terras Mato-grossenses:

As formas de imigração japonesa do pós-guerra podem ser divididas em duas: a planejada e a livre. A imigração planejada é aquela controlada e autorizada por órgãos de imigração do governo brasileiro. Os imigrantes dos esquemas Tsuji e Matsubara, os imigrantes sericultores e os jovens imigrantes da CAC, [...], fazem parte da imigração planejada. Essa forma, por sua vez, se divide em dois grupos: o de lavradores colonizadores autônomos, como aqueles de Tsuji e Matsubara, e os lavradores empregados, como nos casos da CAC e sericultores (NAKASUMI&YAMASHIRO, 1992:389)

Em 07 de Julho de 1953 aporta em Santos, o navio Holandês com 22 famílias, num total de 112 pessoas destinadas à cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso, pelo projeto Matsubara. Estes imigrantes 'pós-guerra' introduziram uma emoção de renovação cultural na colônia japonesa do Brasil. (Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996:116)

Especificamente para a região de Cuiabá, vieram, entre outros, os japoneses que abandonaram, na década de mil novecentos e sessenta (1960), as terras da colonização Rio Ferro:

⁴ Bezerra (1998:172)

Em julho de 1952, Matsubara Yasutaro de Marília recebe de Getúlio Vargas a autorização para introduzir 4000 famílias do Japão. Esta autorização fazia parte do projeto de colonizar 200.000 ha em Mato Grosso. Em 8 de Agosto do mesmo ano, foi inaugurada por Matsubara a Empresa Colonizadora Rio Ferro. (Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996:114)

A Associação Nipo-Brasileira de Cuiabá foi fundada oficialmente em 06 de Abril de 1961, com a denominação “Centro Cultural Nipo-Matogrossense”; a primeira diretoria era composta por: Maçou Toyotomi (presidente), Yoshiyuki Matsubara (vice-presidente), Shoji Shinohara (primeiro secretário), Massahiko Okamura (segundo secretário), Shoji Fuji (primeiro tesoureiro) e Kazuyo Suezawa (segundo tesoureiro).

Em 03 de agosto de 1966, a associação passou a ser denominada Associação Cultural Nipo-Brasileira do Norte de Mato Grosso. Em 10 de Abril de 1980, para receber a doação do terreno do campo de beisebol, em Várzea Grande, foi registrada naquele município, com os mesmos membros de diretores, a Associação Nipo-Brasileira de Várzea Grande. Em 08 de Julho de 1996, volta o registro único de Associação Nipo-Brasileira de Cuiabá e Várzea Grande⁵.

A Associação Nipo-Brasileira de Cuiabá possui um grupo de diretores que se articula conforme suas funções para organizar e manter as atividades culturais da colônia japonesa.

Infelizmente, não há registros e nem documentos da trajetória da Escola de Língua Japonesa de Cuiabá. As atas de reuniões e demais documentos foram extraviados nas sucessivas trocas de presidência que ocorreram na última década. Atualmente, a colônia dispõe apenas de memórias das pessoas que participaram da fundação e do funcionamento da referida escola como um meio de reconstruir a sua história.

Os fenômenos sociais fazem parte do nosso cotidiano, então,

A construção do objeto de pesquisa pode ser vista como um processo decisório, pelo qual transformamos conceitualmente um fenômeno do universo consensual em um problema do universo reificado e, em seguida, selecionamos os recursos teóricos e metodológicos a serem usados para a solução do problema (SÁ, 1998:26).

Segundo informações obtidas nas entrevistas realizadas, um dos presidentes da Associação Nipo-Brasileira de Cuiabá efetuou declarações no cartório, sobre momentos históricos da colônia, perante testemunhas para retificar a ausência total de documentos da

⁵documento do acervo da Associação Nipo-Brasileira de Cuiabá.

associação. Tal documento constitui hoje, a fonte para oficializar as memórias do histórico da Associação Nipo-Brasileira.

Por meio de observações, entrevistas e levantamentos bibliográficos, foi possível conhecer os acontecimentos que sustentam a tradição das pessoas envolvidas na Associação Nipo Brasileira.

Os sujeitos da presente pesquisa são membros da Associação Nipo-Brasileira, integrantes da colônia japonesa. A organização da associação está baseada no estatuto interno que rege o funcionamento dos departamentos, que são independentes, cada qual com suas respectivas diretorias, assim organizadas:

- Departamento dos anciões - *Mutsumi-kai ou Roujin-kai*
- Departamento das senhoras - *Fujin-kai*
- Departamento de jovens e esportes - (antigo) *Seinen-kai*
- Departamento de música – *Karaokê e Taikô*
- Departamento do jogo *gate-ball-kai*
- Departamento da Escola de Língua Japonesa

Por um longo período de tempo da história da imigração japonesa no Brasil e também em Mato Grosso, a Escola de Língua Japonesa foi o núcleo mais importante das Associações Nipo-Brasileiras. No entanto, atualmente percebe-se mudanças nas formas de organização e estruturação das mesmas. Em Cuiabá, vários departamentos oferecem diferentes atividades para demandas e públicos distintos, conforme resumimos abaixo.

O Departamento dos anciões - *Mutsumi-kai* ou *Roujin-kai* deve ser entendido como o conjunto dos membros mais idosos da colônia. Realizam reuniões mensais na sede da Associação. São aproximadamente 60 associados, a maioria de nacionalidade japonesa (*issei*), entretanto apenas cerca de uma dúzia de elementos são ativos, ou seja, ainda comparecem às reuniões mensais. Os demais não comparecem às reuniões devido a algumas dificuldades físicas ou familiares, mas continuam mantendo suas relações com o Grupo, pagando mensalidades, recebendo e fazendo visitas. São os pioneiros em Cuiabá, na sua maioria, fundador da colônia local e do sistema de transmissão e manutenção da cultura nipônica, portadores de experiências de fundamental importância. Vejamos as palavras do presidente dos anciões:

Uma vez, li em algum lugar que ia acabar o japonês no planeta. Mas, nós esforçamos para não deixar isto acontecer, nós reunimos todos os meses, nós damos força para todos os departamentos e sempre vamos para qualquer lugar que tem coisas de japoneses e chamamos netos e todo mundo. Tem que ficar sempre unido né?! (Entrevistado: AO)

Departamento das senhoras - Fujin-kai base sólida e organizada da Associação. Praticamente são elas quem coordena os eventos culturais, desportivos e artísticos preparando refeições para arrecadar fundos para a Associação. As senhoras são referência comum de todos os departamentos, pois são filhas dos anciões do Mutsumi-kai, esposas dos atletas de jogo de meia idade – Gate ball e mães dos jovens do Seinen-kai.

Sempre somos nós que tomamos a frente e todos os eventos temos que ajudar, coisa de mulher, coisa de esposa, ou mãe!!! Acabamos fazendo tudo mesmo!! (Entrevistada: EK)

O maior destaque provavelmente está no Departamento de jovens e esportes (antigo) Seinen-kai que mantém a prática do Beisebol e consegue articular e desenvolver o referido esporte em vários municípios do Estado de Mato Grosso, além de conseguir agregar jovens, que não descendem dos imigrantes, para fortalecer a associação e disseminar os princípios da disciplina, espírito coletivo e superação de obstáculos como um dos legados da cultura nipônica entre os praticantes do beisebol.

FIGURA I – Time de Dom Aquino- MT (Foto: Shigeaki Izawa)



Departamento de música – Karaokê-kai e Taiko realizam o culto à tradição musical trazida pelos imigrantes. Composto por jovens em sua maioria, este departamento reúne os interessados em praticar a arte do tambor ou da música cantada independente de sua ancestralidade. Costumam trazer instrutores dos grandes centros que agregam maior número de

imigrantes japoneses para auxiliá-los no aperfeiçoamento de suas habilidades musicais e, ainda, participam de campeonatos da modalidade em todo o Brasil:

Eu não sou japonês, mas gosto de animê e mangá aí então, um dia, vim comer yakissoba que comprei do meu amigo de escola e fiquei por aqui. Comecei participando do taiko, gostei e fiquei, fiquei pra valer e não saio mais, todo final de semana venho aqui treinar, apresentar, ajudar ... tem oba-san que já me cumprimenta até em japonês (Entrevistado: DS).

Departamento de jogos da meia idade - gate-ball-kai - agrupa os membros na faixa etária de quarenta a oitenta anos. Este é um dos grupos mais frequentado pelos membros de meia idade e anciãos. Realizam os jogos no Campo da Associação em Várzea Grande nas terças-feiras, quintas-feiras, sábados e domingos, no período matutino. Gate-ball é um jogo de quadra, assemelha-se ao golfe no que tange à necessidade de ir passando por diversas etapas até alcançar o pino final. Este grupo ainda é composto de basicamente por descendentes de japoneses e realizam diversos campeonatos ao ano, além de participar de outros em todo o Brasil.

Figura 2 – Jogo de Gate-ball em Cuiabá (Foto: Nelson Kawahara)



Apesar de todos os departamentos pesquisados, uma das grandes funções da associação, segundo literatura e opinião dos próprios entrevistados, continua a ser a manutenção da Escola de Língua Japonesa:

Uma coisa que eu acho é que, enquanto tiver nihonjin-kai (associação nipo-brasileira) sempre vai existir escola japonesa, porque associação é o cerne da colônia, da cultura japonesa e sempre enquanto tiver associação, um dos desejos vai ser dar subsídios, assim para a existência de uma escola japonesa, né? Se acabar a escola japonesa praticamente acaba a associação também. Agora a gente está entrando num terreno meio perigoso, isso aí é uma opinião minha particular, não estou falando que isso é certo ou errado. Mas eu acredito que se você deixa de ensinar a língua japonesa que é o material básico de elo de ligação da cultura japonesa, as gerações vão passando e vão perdendo isso, se escola japonesa já não existe para ensinar as pessoas que estão vindo aí [gerações posteriores], o que é então que vai ter de japonês nessa turma? Não vai ter nada, só vai ter cara de japonês então, o que cara de japonês está fazendo com a associação, né? Então, não tem nada a ver uma coisa com a outra então. Vai perder totalmente o sentido e vai virar um clube social, então não precisa ser Associação Nipo-Brasileira especificamente, já tem o country-club, o tênis clube que é muito melhor que a Associação Nipo-Brasileira, não é mesmo? (Entrevistado: Y.I)

Tais resultados sugerem que, em Cuiabá, ainda persiste o sentimento de que a escola seja uma forma de manutenção da cultura. A ELJ de Cuiabá ainda não sofreu a transformação que outras escolas de língua japonesas dos grandes centros sofreram. Pelas entrevistas, os mais velhos demonstraram que percebem a escola como local de fundamental importância para a manutenção da cultura e identidade nipônica. No entanto, duas gerações mais jovens da colônia, os nisseis (filhos de japonês) e os sanseis (netos de japonês) identificam a ELJ como uma escola de língua estrangeira, que pode contribuir para a manutenção da cultura de seus pais e avós.

Os membros dos departamentos responderam que a Escola de Língua Japonesa é, no que tange à manutenção da cultura, diferente das outras escolas de línguas (inglês e espanhol). Tais resultados indicam que ainda existe um aspecto afetivo, que mesmo os mais jovens atribuem algum valor e justificam a importância da existência daquela escola, pautada no papel de manutenção da cultura e dos laços que ainda prezam alguns nikkeis. É possível verificar que os descendentes, para não negar a ELJ, reformulam a representação existente, como bem explica Arruda (1998:43):

(...) diante duma nova situação, o velho, o familiar, pode tornar-se incômodo, estreito, e necessitar reformulação. A ansiedade, então, é provocada não só pelo objeto de representação, mas também pelo contexto, que pressiona no sentido de reestruturação das velhas representações através da incorporação de novos elementos.

A colônia japonesa tem se organizado e se relacionado ao longo de quatro décadas, sofrendo constantes transformações, num processo de adaptação, identificação e assimilação

incessante. Processo que nomeamos de Educação, pois o ser humano busca constantemente humanizar-se e:

Queremos multiplicar experiências interativas, cooperativas, participativas e conectivas, e se intercambiamos, de muitas maneiras, as palavras e os gestos que aprendemos uns dos outros e, juntos, buscamos encontrar e decifrar sentidos para nossas vidas e os nossos destinos, é porque o impulso mais original em nós é o da troca, da reciprocidade e da partilha (BRANDÃO, 2005, p.91).

Assim, podemos considerar que a Associação Nipo-Brasileira realiza uma educação não-escolar, ainda que não seja promovida e planejada conscientemente como processo educativo. Toda prática dos departamentos são atividades de manutenção cultural e formação identitária para consecução dos saberes transmitidos ao longo da história da imigração japonesa de Cuiabá.

Considerações finais

A colônia japonesa tem se organizado e se relacionado ao longo de quatro décadas, sofrendo constantes transformações, num processo de adaptação, identificação e assimilação incessantes. Segundo ensinamentos de Wagner (1998:11), a colônia japonesa de Cuiabá pode ser considerada como um “grupo reflexivo”, pois seus membros se auto categorizam como integrantes desta unidade social. Os *nikkeis* demonstraram as formas pelas quais os membros da colônia vieram se identificando e se relacionando. Para explicar melhor, utilizarei a contextualização de Hayashi (1996:65):

Na época em que um grupo numeroso e organizado de imigrantes japoneses resolveu se fixar neste país, dificilmente alguém poderia associar a comunidade em formação à cultura deles, muito embora esta fosse uma situação intrínseca desde o princípio. De fato, a cultura fazia parte de suas formas de vida e não precisava ser teorizada. Naquele início, entre os de mesma nacionalidade (de mesma etnia?) apareciam como fatores preponderantes na determinação da relação de pertinência do elemento ao grupo a mesma nacionalidade, a mesma origem, a mesma língua. Com o nascimento dos descendentes, com a perda da habilidade na língua, na relação de pertinência, a nacionalidade cedeu lugar para a etnia. Com a miscigenação, com a conseqüente perda das características físicas e do patronímico, a etnia deu lugar à consanguinidade. Quando pela integração cada vez maior dos descendentes aos demais círculos sociais e culturais, e pelo distanciamento cultural entre o descendente da cultura japonesa, finalmente se descobre que a cultura é que é o fator preponderante no vínculo indivíduo-comunidade.

Atualmente, a comunidade Nikkei não mais mantém, como referência, o domínio do idioma japonês como uma garantia de identificação e aceitação mútua. Os membros da colônia se identificam e se relacionam por meio de atividades culturais ou desportivas, incluindo, segundo eles próprios, a ELJ como um mero item deste rol.

Segundo Arruda (1998:41), “As mudanças de representações hegemônicas correspondem as novas necessidades coletivas, oriundas da renovação de projetos políticos, econômicos, sociais, de situações culturais e outras”. É possível então, compreender, através das representações aqui esboçadas, que a ELJ está em fase de transição entre um momento no qual se identificava como mantenedora de identidade para um outro, em que se justifica enquanto mantenedora cultural.

Apesar da função de transmissora de um idioma ser óbvia, não é possível ignorar que existe uma valorização da escola como local para continuado contato com uma cultura, que une e identifica um grupo em específico: nikkeis de Cuiabá. É possível perceber que a identidade social da colônia japonesa, enquanto percebida através dos membros deste grupo reflexivo, é proporcionada pela noção de uma cultura comum, que desenha as teias através das quais eles se relacionam e se reconhecem.

São exatamente as contradições e heterogeneidade de posições, encontradas neste estudo transgeracional, que fazem lembrar as palavras de Abric (1994:15): “as Representações Sociais são, ao mesmo tempo, estáveis e móveis, rígidas e flexíveis (...), são consensuais, mas também marcadas por fortes diferenças individuais”.

Por certo que, em meio às transformações sociais que acontecem cotidianamente, existirão nikkeis que possuam maior afinidade com suas características mais nipônicas, enquanto outros tantos deles afastam-se do convívio com a colônia japonesa, pois aos poucos, vão perdendo o interesse pela cultura japonesa. Em contrapartida, existirão outros brasileiros não descendentes dos nikkeis que farão parte desta comunidade, compartilhando e participando de atividades da Associação.

O objetivo do trabalho foi compreender o processo de imigração japonesa vinda para o Brasil, as quais elencaram as lutas de um povo oriental em busca de novos propósitos e a própria sobrevivência. Ademais a pesquisa apontou informações que levaram a entender que processo imigratório dos orientais, até chegarem ao Brasil, ocorreu por fatores políticos, por conflitos estabelecidos pelo movimento antinipônico e também pelo problema da falta de terra para o cultivo no país oriental.

Por sua vez, o Brasil nos fins do século XIX e início do XX, possuía espaços vazios para serem povoados, atraindo, assim, o processo migratório do Japão, já que ocorrera o

problema da falta de mão de obra para produção das lavouras cafeeiras, devido a abolição da escravatura e a não adaptação e revolta da imigração europeia nos trabalhos desenvolvidos nas lavouras dos agricultores.

Finalmente, diante do estudo realizado compreendeu-se a trajetória histórica da imigração percorrida pelos orientais, cada fase do processo migratório no Brasil e a importância de toda a culturalização oriunda desse país, arraigada através das colônias Japonesas.

Referências

- ABRIC, J.C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- ARRUDA, A. (org). *Representando a alteridade*. Petrópolis:Vozes, 1998.
- BICUDO, M. A. V. e EPÓSITO, V.H. C. *Pesquisa Qualitativa em Educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.
- BORIS, F. *História do Brasil*. São Paulo: Editora USP, 1997.
- BRANDÃO, C. R. *Aprender o amor*. Campinas, SP: Papiros, 2005
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA JAPONESA. *Burajiru-Nihon Imin: nikkei shakai nempyou ryou. (Imigração nipo-brasileira: cronograma histórico da comunidade nikkei)*. São Paulo, 1996.
- FERREIRA, Aurélio. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HAYASHI, A. R. **A comunidade, a cultura e as entidades nikkey do Brasil**. In: NINOMIYA, M. *O futuro da comunidade nikkey: palestras, painéis e debates do Simpósio Comemorativo dos 85 anos de imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Mania de livro, 1996, pp. 58 – 67.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos; o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.
- _____. *O conhecimento Comum; compêndio de Sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MINAYO, M. C. S. **O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica**. In: GUARESCHI, P. A. e JOVCHELOVITCH, S. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, 1995, pp. 89 – 112.
- NAKASUMI, T. e YAMASHIRO, J. **O fim da era de imigração e a consolidação da nova colônia nikkei**. In: *SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo:HUCITEC, 1992, pp. 417- 458.
- PAREDES, E. C. *Um empório de reconstruções: o estudo das representações, dos símbolos, dos sistemas de valores, dos marcos culturais que existiram, perderam-se, permanecem ou estão surgindo*

na cuiabania, segundo a percepção e a lembrança de alguns de seus habitantes. Tese de Doutorado em Psicologia - Instituto de Psicologia, USP:1983.

SÁ, C. P. **Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria**. In: *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1995, pp. 19 – 45.

_____. *A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

WAGNER, W. **Sócio-gênese e características das Representações Sociais**. In: MOREIRA, A. S. P e OLIVERIRA, D.C. *Estudos interdisciplinares de Representações Sociais*. Goiânia:AB, 1998, pp. 01-26.